

A close-up, soft-focus photograph of a woman's face, focusing on her nose and lips. She is wearing bright red lipstick. The background is a light, neutral color.

Sara
Flannery
Murphy

POSSUÍDA PELO PASSADO

TOP
SEL
LER

«Um livro assombroso, que não conseguirá parar de ler.»

Publishers Weekly

Para Ryan, que me vê

Certamente: são os meus lábios que estão a ser beijados... Mas como pode ser? É uma sensação terrível, perder assim a identidade. Como desejo esticar estas mãos, tão incapazmente caídas, e tocar em alguém, só para saber se sou mesmo eu, ou apenas um sonho.

ELIZABETH D'ESPÉRANCE, *SHADOW LAND*

UM

A primeira vez que encontrei Patrick Braddock, usava o batom da mulher dele. A cor é absolutamente desacertada para mim. Um ameixa-escuro e maduro, o gênero de cor forte que as mulheres belas usam para provar que qualquer coisa lhes fica bem. Em contraste com as minhas feições regulares, o batom é tão vívido como uma mancha de sangue. Sinto-me como uma miúda traquina a experimentar a maquiagem da mãe.

Na fotografia de Sylvia Braddock que jaz sobre o chão do meu quarto, o batom parece perfeito.

A maioria dos meus clientes envia apenas uma meia dúzia de imagens: retratos dos livros de curso, ou fotografias de estúdio contra fundos de tecido amorfo. Prefiro os instantâneos, que parecem ter sido acrescentados posteriormente. Imagens vulgares, enternecedoras, com cercaduras dobradas, pupilas vermelhas, iluminação deficiente. As fotografias espontâneas dão menos espaço à ocultação. Observo as camadas de objetos abandonados no chão de uma sala, a distância de evitamento entre um marido e uma mulher quando acham que ninguém está a vê-los e fico a saber tudo o que preciso de saber acerca das vidas desses desconhecidos.

O Sr. Braddock enviou dezenas de fotografias, as suficientes para cobrir todos os seis anos do seu casamento com Sylvia. O dia do casamento deles, praias cheias de sol, marcas espalhadas por todos os continentes; acontecimentos profissionais com sorrisos cuidadosos, festas com gargalhadas desfocadas. Ninguém está mais presente na cronologia da vida de Sylvia do que o marido. No meu trabalho, ordeno o mundo em padrões com a eficiência desprovida de curiosidade de uma máquina e o padrão dos Braddock é simples. Estão apaixonados. Um amor vistoso, que chama a atenção mesmo sem querer.

Sylvia apenas usa precisamente esta tonalidade de batom numa única imagem. Verifiquei uma e outra vez, surpreendida com a sua ausência. Na fotografia, está nua. Está deitada numa cama, sem sorrir, soerguida nos cotovelos. Contra o ameixa-escuro da colcha, o seu corpo é tão pálido que parece iluminado do interior. Os pormenores sobressaem com uma incrível clareza. As suas aréolas, precisamente delineadas como as bochechas pintadas de uma boneca. O origami alado dos ossos da sua anca. O batom.

Chego cedo ao trabalho antes do nosso encontro, com o batom fechado na palma da minha mão quente. O Sr. Braddock é o meu primeiro cliente do dia. Marcou o seu encontro para uma quinta-feira. Estamos a meio de março, uma altura em que a Sociedade Elisiana conhece geralmente pouco movimento. Não há férias sentimentais, nem flores a despontar, nem primeiras neves que alimentem a culpa e a nostalgia. Apenas a permanente modorra do inverno avançado.

Ao abrir a porta, avalio a Sala 12 com um olhar experiente. As *suites* da Sociedade Elisiana transmitem familiaridade, embora não cheguem a parecer-se com a casa de ninguém. Soalhos de madeira escura; um quadro emoldurado de lírios aquáticos a flutuarem numa água caleidoscópica. Dois cadeirões baixos, sem braços, de frente um para o outro, a meio da divisão.

Tudo aquilo que possa perturbar esta impressão está escondido da vista. Por exemplo: a pequena pílula branca no seu copo de papel rugoso e o copo de papel maior, com água à temperatura ambiente, estão ambos dispostos na mesa de apoio. Estes designam a cadeira que eu ocuparei.

Lá fora, a última neve da estação agarra-se às bermas dos passeios, numa crosta de brilho exaurido. O ar dentro da Sociedade Elisiana paira nos 18 graus. Estou descalça. O meu uniforme de trabalho consiste num vestido branco, tão fino que a minha pele mal regista o seu contacto. Mantenho-me rígida, reprimindo a vontade de tremer de frio.

A porta abre-se para trás antes de eu poder responder. Volto-me, pensando que o Sr. Braddock já está a chegar. Depois de memorizar o seu rosto na fotografia, tenho curiosidade em vê-lo em pessoa.

A Jane detém-se à entrada da porta.

— Está tudo bem, Eurydice?

— Claro — digo. — Entra.

Como assistente, a Jane tem a prerrogativa de vestir coisas mais quentes do que os corpos. Está chocantemente mundana no seu casaco de lã esfiapada, como alguém que se intromete num sonho.

— O batom — diz, esboçando uma rápida linha em torno da sua própria boca. — Está um pouco desigual.

— Não me apercebi. — Hesitei, depois apresentei-lhe o tubo. — Importas-te?

O batom sobre a minha boca exerceu uma suave e íntima pressão. Tem a ponta romba do uso. Há um gosto subtil a pairar por detrás da doçura química. Acre e humano. Penso na saliva e nas partículas de pele que devem perdurar na superfície do batom.

A náusea faz com que cerre os maxilares.

— Já trabalhaste com este cliente? — pergunta a Jane.

— É a primeira vez — consigo responder. A náusea dissipa-se tão depressa como surgiu. — Enviou o batom à frente.

Jane permanece calada. Ambas sabemos que aquilo vai contra a rotina. A maioria dos clientes leva os objetos dos entes queridos em pessoa, concedendo-me os seus efeitos apenas durante o tempo que passamos juntos. O facto de o Sr. Braddock ter dado o batom da sua mulher a uma completa desconhecida dá a sensação de uma confiança invulgar, ou de uma invulgar despreocupação.

— Tem cá uma cor. — A Jane fecha o batom. — Namorada? Amante?

— Esposa — digo.

— Segunda, ou terceira?

— Primeira — respondo. — Foram casados seis anos.

— Quem diria — diz a Jane, com um tom ligeiramente desaprovador, como se suspeitasse que estou a mentir. — Nunca teria adivinhado que fosse da primeira mulher. Cá para mim, é claramente um batom de crise da meia-idade.

Não lhe respondo.

— De qualquer modo, agora está muito melhor — diz a Jane. — Vou dizer-lhe que entre.

No momento em que fecha a porta, fico esvaziada. Desde que me juntei à Sociedade Elisiana, as minhas emoções evoluíram. Eram desajeitadas, passaram a ser subtilmente afinadas. Prontas a desaparecer no nada. Aquilo que era uma luta é agora um simples reflexo.

A batida é tímida a princípio, quase demasiado baixo para se perceber. Na altura em que atravesso a sala, a segunda batida é nítida e confiante. Abro a porta.

A maioria dos meus clientes é diferente nas fotografias e em pessoa, um desapontamento num ou noutro sentido. No fundo do meu espírito, suspeitava que o Sr. Braddock fosse diferente ao vivo. Nas fotografias, a sua boa aparência tem a qualidade de uma estrela de cinema ou de um jovem político. Um carisma demasiado sofisticado para existir fora de uma imagem estática.

Mas ele é exatamente o mesmo. Reconhecê-lo-ia em qualquer lado. A única diferença é que o Sr. Braddock parece estranhamente mais pequeno, quando surge de pé à minha frente. Talvez devido ao cansaço que desponta por debaixo dos seus olhos em sombras arroxeadas, ou à barba mal feita. Um corte vermelho floresce como a marca de um beijo no seu queixo. Ou talvez seja a ausência de Sylvia a seu lado que o faça encolher, cortando-o precisamente ao meio.

— Estou no sítio certo? — pergunta. — Sala 12. Ela disse que estaria à minha espera.

— Está no sítio certo, Sr. Braddock — digo.

Depois de fechar a porta atrás dele, volto-me e vejo que se dirigiu ao centro da sala. Está em frente ao quadro, de mãos fechadas atrás das costas, numa postura que exhibe a atenção estudada de um homem a visitar um museu.

Mantenho-me à distância, permitindo ao meu cliente este último momento de normalidade, antes de o seu mundo mudar. O primeiro encontro é sempre delicado, uma dança astuta que tem de ocultar a sua própria astúcia. A minha função é sentir as disposições dos clientes sem que eles percebam que estou a fazê-lo. Alguns fingem que é tudo uma brincadeira; alguns são desconfiados, hostis, à espera que a figura surja por detrás da cortina; alguns são dolorosamente sinceros, desejando que tudo se passe suavemente. Mas, a princípio, todos eles, todos eles, estão aterrorizados.

O Sr. Braddock aponta para o quadro.

— Monet?

— Um artista anónimo, acho eu. — Faço um sinal na direção da cadeira. — Faça favor.

Depois de nos instalarmos, o olhar do Sr. Braddock pousa na minha boca, escurecida pelo batom da sua mulher.

— Poderá dizer-me quem espera contactar hoje, Sr. Braddock?

O relógio está já a contar o tempo. Ele encomendou o período padrão. Meia-hora, precisa e escassamente distribuída como um medicamento.

— A minha mulher — diz, recostando-se. — A minha mulher — repete, meio contemplativo. Fica a olhar em frente, como se as palavras tivessem ficado suspensas entre nós.

— Tem alguma mensagem especial para a sua esposa?

— Não tenho a certeza. — Mexe-se para mais perto da beira da cadeira. — Devia ter?

— Alguns clientes acham que têm uma experiência melhor quando vêm preparados com uma mensagem — digo. — Mas isso é inteiramente escolha sua, Sr. Braddock.

— Quero falar de novo com ela — diz ele. — Como costumávamos falar antes de ela...

Deixei que a parte silenciosa da sua frase se dissolvesse por completo antes de continuarmos.

— Vou pedir-lhe que partilhe uma recordação comigo. Uma recordação da Sylvia. — Ele encolhe-se instintivamente quando pronuncio o seu nome, como se eu tivesse dito uma asneira. — É melhor partilhar uma recordação o mais recente possível. Sei que poderá ser doloroso — acrescento, pois o Sr. Braddock mergulhou o rosto nas mãos.

Mas, quando olha para cima, tem os olhos secos e claros como cacos de vidro.

— Estávamos no lago — diz. — O lago Madeleine, nos subúrbios da cidade. Foi a primeira vez que o visitámos. Foi a Sylvia que sugeriu o lugar. As cabanas tinham umas enormes janelas na sala. Faziam com que me sentisse como um peixe num aquário, olhando para tudo lá fora. Ou talvez toda a gente estivesse a olhar para mim. Para nós. — Deteve-se. — Isto é demasiado?

— De maneira nenhuma, Sr. Braddock — digo. — Os pormenores são úteis.

Escuto sem interromper enquanto ele fala. A maioria dos meus clientes apressa-se e detém-se, percorrendo as recordações com a desajeitada crueza de uma criança a recordar os seus sonhos. Mas o Sr. Braddock partilha o último fim de semana que passou com a mulher como se estivesse a ser projetado num ecrã à sua frente.

Quando para de falar, o silêncio dissolve-se como nevoeiro. Seguro a pílula na palma da minha mão. Entre nós, corpos, referimo-nos às pílulas como lótus, um epíteto estabelecido antes de eu chegar. Não há um nome oficial para as cápsulas, não há qualquer impressão ou marca nas

suas superfícies polvorentas, por isso *lótus* serve como serviria qualquer outra palavra.

Com a minha mão livre, alcanço o copo de água.

— Podemos começar, Sr. Braddock?

— Espere.

Não me mexo. Sinto a frescura cerosa do copo de papel nos meus lábios.

— Aquilo que estamos prestes a fazer, não vai fazer-lhe mal, pois não? Nenhum dos meus clientes alguma vez me colocara aquela questão.

— O processo é completamente seguro, Sr. Braddock.

— Está bem. — Ergue a palma da mão para mim. — Só queria verificar. Por favor, continue.

Introduzo o *lótus* entre os lábios e engulo. A sensação não é agora mais surpreendente do que inspirar, ou adormecer. Espalha-se uma lassidão pelo corpo, o sangue torna-se lânguido. As pálpebras ficam pesadas. O corpo está a recompor-se para dar espaço. A minha consciência eleva-se e espalha-se como pássaros assustados que sentem uma presença desconhecida.

O Sr. Braddock aproxima-se, o seu joelho faz uma forte pressão contra o meu. Ele deve ter-se apercebido do seu erro; afasta-se quase ao mesmo tempo em que eu registo o seu contacto. Mas quando o seu joelho tapado pelas calças encontra o meu joelho nu, sinto a bola rija da sua rótula através do tecido e um breve e excitante calor. Sou puxada de novo para o meu corpo, revelando-se todo o trabalho que tenho feito para me tornar outra pessoa.

Ele retrocede na minha visão, movendo-se para trás tão depressa que não consigo alcançá-lo. Abro a boca para o avisar, mas é demasiado tarde.

Já desapareci.

Abro os olhos. Durante um inquietante momento, os meus membros não estão no lugar certo. Depois reinstalo-me em torno do meu corpo como poeira que volta a assentar numa superfície, depois de ter sido perturbada. Picam-me as palmas das mãos e as solas dos pés. Olho em redor da Sala 12 como se nunca o tivesse visto antes: a água rebrilhante do quadro, as prateleiras vazias dos copos de papel.

Desperta pela ansiedade, olho para a cadeira à minha frente. Patrick está inclinado para a frente, como se o tivesse apanhado prestes a levantar-se.

Aperta as mãos entre os joelhos, de queixo retesado, toda a sua envergadura dominada pela tensão. Quando os nossos olhares se enlaçam, o rosto dele ilumina-se com uma esperança que começa a desvanecer-se quase de imediato.

— Sr. Braddock — digo.

Patrick expira abruptamente e recosta-se de novo na cadeira, descontraindo a postura. Aquiesce uma vez. Como se tivéssemos combinado alguma coisa. Quando se levanta, inclino a cabeça para o captar: a sua altura, o brilho dos seus olhos voltados para dentro, visível por debaixo das pálpebras.

— Obrigado — diz Patrick. Ele é como deve ser. Educado.

Há perguntas que deveria colocar-lhe. Tenho um guião a seguir nesta primeira vez, facilitando a transição entre uma identidade e a outra, garantindo-lhe que sou de novo uma estranha. Mas algo me detém. Fico calada e vou abrir-lhe a porta, desviando-me para deixar Patrick passar. O seu olhar passa pelo meu, enquanto segue para o corredor. Os seus olhos são ilegíveis, propositadamente ocultos dos meus. Ignoro o instinto de segui-lo.

DOIS

Sylvia Braddock morreu há quase dezoito meses.

Exalou o seu último suspiro algures durante o último dia de agosto e o primeiro de setembro. A viagem dos Braddock ao lago foi ideia dela, uma pequena escapadela antes de o verão chegar ao fim. O lago Madeleine fica a uma hora da cidade: uma vastidão de água que se espalha por trezentos e sessenta hectares, ladeada por uma densa e luxuriante floresta. Ao longo do sinuoso perímetro do lago, espíritos diligentes construíram bolsas de civilização durante décadas. O empreendimento é propositadamente rústico, evocando imagens de nostálgicos acampamentos de verão, cabanas familiares obsoletas passadas de geração em geração, mas filtradas por lentes de luxo.

O resultado final é demasiado conservador para atrair uma grande clientela sofisticada, demasiado dispendioso para turistas de pele curtida pelo sol. Sylvia ouvira dizer que as cabanas ofereciam aos habitantes da cidade uma hipótese de escape sem terem de se afastar muito. Podiam respirar uma adequada dose de ar fresco, examinar a sensação da vida selvagem e da solidão e, depois, regressar à vida normal.

Assim que os Braddock chegaram ao lago Madeleine, nesse agosto, reconheceram o casal que estava na cabana ao lado. Um colega de Patrick, casado com uma amiga dos Braddock. Um dos muitos pequenos sucessos de casamenteira de Sylvia, entre o círculo dos seus conhecidos. Ela sugeriu imediatamente que os quatro passassem aquele tempo juntos, incluindo o outro casal nos planos dos Braddock com tanta facilidade que parecia esperar encontrá-los ali. Patrick não conseguiu arranjar uma forma educada de protestar, mesmo sabendo que Sylvia iria assumir o seu papel de anfitriã. Expansiva, deslumbrante, incapaz de reassumir o mundo mais íntimo de ser sua mulher.

No sábado à noite, Patrick estava exaurido: cansado da conversa de circunstância, da pressão luminosa do sol, da noite anterior passada a beber, rodeado pela atmosfera ácida das lanternas de citronela. Desculpou-se quando Sylvia escapou até à aldeia mais próxima com os seus amigos.

Ela chegou a casa para jantar mais tarde do que Patrick esperava, com um travo a vinho no hálito. Tentou convencê-la a ir para a cama; Sylvia estava irritável por causa da bebida. A última vez que Patrick viu a sua mulher, ela estava sentada à beira da cama a tirar os sapatos. A cabeça caída. O cabelo escuro caía-lhe sobre o rosto, revelando a graciosa curva do pescoço.

Na manhã seguinte, ela desaparecera. Patrick esperou. Os sapatos dela estavam à porta do quarto de dormir. Sapatos de salto alto, perfeitamente alinhados, como se estivesse prestes a calçá-los. Havia uma toalha, do duche da última noite, enrolada numa flor húmida e amarrotada, fragrante de champô. Quando Patrick ligou para o telemóvel da mulher, este vibrou violentamente no parapeito da janela.

Passava do meio-dia quando os finos fios da preocupação e da impaciência de Patrick se solidificaram em medo. Sylvia despertara antes do nascer do Sol na manhã anterior e fora dar um rápido mergulho na água rasa mais próxima da praia. Regressara a tempo do pequeno-almoço.

Nessa tarde, Patrick percorreu o perímetro do lago. Quando voltou, três horas mais tarde, com a pele exposta coberta de picadelas de mosquitos e compridos e longos arranhões, tinha os amigos à espera. Pareciam relutantes em corresponder ao olhar de Patrick, enquanto discutiam o que haviam de fazer em seguida. Abandonado pela ausência dos seus olhares, Patrick começou a compreender que tudo aquilo era escusado. Um paliativo temporário entre saber e não saber.

Passou metade do dia antes de conseguirem recuperar o corpo de Sylvia. Durante esse período, Patrick transformou-se em alguém a ser protegido e distraído, entretido pelo adjunto do xerife local. O adjunto e a sua mulher seguiam uma telenovela e o adjunto explicou a Patrick a intrincada história do mais recente episódio. Uma mulher que obrigara a sua gémea idêntica a assumir a vida que ela não queria, para passar depois a invejar a inesperada felicidade da irmã.

— A galinha da vizinha... — disse o adjunto.

Patrick aquiesceu e voltou a aquiescer o seu acordo, imaginando a sua mulher a ser erguida das profundezas do lago como uma bandeira de rendição.

Mais tarde, veio a saber que o corpo de Sylvia ficara preso nas ervas próximas do meio do lago. Foi registado como um afogamento accidental, uma nadadora inexperiente que se afastara demasiado. Muito provavelmente, disseram a Patrick, ia perdida nos seus pensamentos, incerta das suas próprias capacidades, até ser demasiado tarde.

Sou arrancada ao sono como um peixe com um anzol preso na boca. Imediatamente, reconheço os sinais de um longo sono sem sonhos. Dói-me a garganta; tenho o cabelo peganhento do suor.

Deitada na cama, deixo que o dia anterior regresse a mim pedaço a pedaço. A série de clientes que vi depois de Patrick, os seus tiques e maneirismos. A Sra. Sawyer encostando o lenço delicadamente debaixo de cada olho. O Sr. Kent de mãos sobrepostas, palma contra palma, sobre o colo. Uma postura de estranha oração.

Saí da Sociedade Elisiana já o dia ia alto. Como de habitual, fui a última a sair. O pôr do sol constituía uma camada quente e derretida no fundo do céu. Fui tomando nota mental dos previsíveis marcos do caminho entre o meu apartamento e a Sociedade Elisiana. Uma mercearia de esquina, sempre brilhante numa húmida fluorescência, como uma estufa. Um cartaz de parede, com o anúncio mais recente a soltar-se em faixas rendilhadas, revelando um sorriso de dentadura brilhante. Durante o percurso de carro, o locutor de um programa radiofónico falava com uma mistura calibrada de excitação e gravidade acerca de um corpo descoberto próximo de um lote do outro lado da cidade. Deixei que os pormenores me ancorassem, reconfortando-me com a sua vulgar fealdade. *Não havia sinais de luta. Apresenta traumatismos por contusão. Alguém que possua informações, por favor, contacte...*

Quando tento recordar o que aconteceu depois de ter regressado a casa, as minhas memórias tornam-se mais ténues. Lembro-me de ir para a cama mais cedo do que o costume. Oito da noite, ou mais cedo. Devo ter adormecido. Agora, o relógio diz-me que passaram doze sólidas e implacáveis horas.

Levantando-me relutantemente, vou andando até à casa de banho. Tenho o corpo rígido e desconjuntado. Cada centímetro da minha pele está tão sensível como a pele revelada debaixo de um penso. Algures ao fundo do corredor, um vizinho toca música. O baixo ecoa espessamente, como a batida de um enorme coração. Neste apartamento, estou

rodeada pelos vícios das outras pessoas. Gemidos sexuais teatrais, fumo de cigarro, discussões acesas, baques enérgicos da televisão; infiltram-se a todas as horas.

Na casa de banho, estico a mão para a torneira. A cabeça do chuveiro estremece uma vez antes de cuspir um esguicho irregular. Nos cantos da minha boca, cresce um paladar. Água do lago. Estagnada e sedimentosa, como o ar num dia quente, mesmo antes de chover.

Transponho a borda da banheira. No espelho por cima do lavatório, o meu reflexo está completamente errado contra o fundo da minha casa de banho. O batom de Sylvia agarra-se-me à boca, tornando-me os lábios mais pequenos e mais proeminentes ao mesmo tempo.

Esfrego a boca com as costas da mão. O batom permanece. Tento de novo, com mais violência. Enquanto a água do duche silva atrás de mim, arranco uma folha de papel higiénico e esfrego-a nos lábios, com força, até a pele picar como um arranhão fresco. Fica um rasto de cor, oleoso e chocante, no papel.

Deito o bocado de papel borrado na sanita. Abre-se devagar como uma flor antes de eu puxar o autoclismo.

Os Braddock estão no meu quarto, com o rosto de Sylvia disposto em leque pelas tábuas do soalho. Inclino-me para apanhar as fotografias. Sento-me à beira da cama para percorrer as imagens, lentamente, desta vez, com uma paciência metódica. Queria ver e compreender cada imagem em separado. Perversamente, espero que os Braddock tenham mudado. Espero que agora sejam vulgares, com o seu brilho arrancado, revelando pessoas que não sejam mais notáveis do que qualquer dos meus outros clientes.

Mas o padrão reemerge, frustrante na sua permanência. Estão apaixonados. Encantados com as suas próprias vidas. Detenho-me na fotografia do casamento. Sylvia fita diretamente a câmara, com o seu véu afastado para trás numa pluma de gaze, uma ligeira poupa que sublinha o seu rosto em forma de coração. Patrick olha de soslaio para a sua noiva. A formalidade da sua pose enfatiza ainda mais a ternura do seu olhar desviado, como se não conseguisse resistir à atração da beleza de Sylvia. Como se, sem uma prova tangível, não conseguisse acreditar que ela está ali.

Hesito antes de chegar à última fotografia da pilha. A da cama. Enquanto as outras fotografias são precisamente iguais, retangulares e de tamanho

uniforme, esta tem um peso distinto. Um formato quadrado. As margens brancas da polaroide emprestam-lhe a qualidade de uma relíquia: efêmera e formal ao mesmo tempo.

A diferença estende-se à própria imagem. A discrepância entre a noiva radiante e esta mulher nua é espantosa. Sylvia mal parece envelhecer ao longo da série de fotografias. O seu cabelo preto cortado mesmo acima da altura das omoplatas, o seu estilo sofisticado permanente. Mas a mulher com o batom escuro está despida e exposta de uma forma que não tem nada a ver com o seu corpo. Está tudo na sua expressão: uma franqueza. Uma ferocidade.

A minha mente enche-se com algo tirado de uma velha ilustração médica. A pele de Sylvia repuxada como cortinas que revelassem o seu interior, os órgãos rosados e fofos e os músculos espiralados. Acima disto, ela sorri, despreocupada e desafiando-me a olhar.

A nudez é proibida na Sociedade Elisiana. Já me deparei com uma série destas fotografias ao longo dos anos e considero as imagens na sua maioria inofensivas. Coxas marmóreas e seios carnudos, vulgares como objetos domésticos. Porém, em todos esses casos, comuniquei as fotografias, declinando trabalhar com os clientes. As pessoas podem ser rápidas a testar os limites da Sociedade Elisiana, procurando fragilidades e brechas. Qualquer infração numa fase inicial é um risco. Eu sei.

Recordo a pressão do joelho de Patrick contra o meu. A chocante proximidade do seu corpo. O calor dispara-me espinha abaixo.

Levanto-me da cama. As fotografias espalham-se pelo chão num torvelinho escorregadio e o meu calcanhar pisa o sorriso de Sylvia no dia do casamento, quando atravesso o quarto para me preparar para o trabalho.

A Sociedade Elisiana ergue-se num bairro encaracterístico. A área tem a reputação de um perigo contido, mais pressentido do que visto. As casas abandonadas e os edifícios condenados pontuam as ruas. As janelas entaipadas estão pintadas do mesmo tom da alvenaria, transmitindo a impressão de rostos sem traços. O bairro oferece à Sociedade Elisiana uma privacidade automática. Aqui, os nossos clientes têm uma menor probabilidade de encontrar alguém que conheçam.

Há muitas décadas, o edifício que alberga a Sociedade Elisiana deverá ter pertencido a uma família abastada. Do exterior, o fresco tijolo branco e as janelas com robustas venezianas produzem a exata impressão

que os clientes pretendem quando vêm a um lugar como este. Elegante, mas sem ser funéreo; velho e consolidado, mas sem ligações a escândalos ou bruxarias. Num vislumbre casual, poderia ser uma igreja. Ou um museu.

Os períodos das entrevistas são cuidadosamente escalonados e os clientes são rapidamente enviados, assim que chegam, para os quartos designados. Cada um dos clientes deverá sentir que está a entrar numa paisagem privada. A sala de espera da Sociedade Elisiana não é para visitantes; é o espaço onde os corpos se congregam entre encontros. Ao contrário das *suites* dos encontros, a sala de espera exhibe as marcas sucessivas do envelhecimento. Nódoas sépia de água adornam o teto, a carpete solta sobre as tábuas envelhecidas do soalho e marcada por zonas abatidas. Os sofás partilham o espaço em frente de um televisor que exhibe vídeos granulados, paisagens casuais com uma calmante música instrumental rolando por detrás das imagens. Um agradável alheamento desprovido de palavras.

Nesta sexta-feira de manhã, chego suficientemente cedo para que a sala de espera esteja quase vazia. Um corpo ruivo vê televisão sem interesse. Um rapaz com maçãs do rosto salientes boceja com o punho à frente da boca, de olhos vidrados como os de uma boneca, devido aos efeitos secundários de um lótus. Localizo um corpo mais velho, de cabelo grisalho e um rosto ternamente enrugado, como se a sua pele tivesse sido dobrada e depois alisada de novo.

— Edie.

Volto-me. O Leander aproxima-se, a sorrir. Alguns corpos envergam os uniformes pálidos e despojados da Sociedade Elisiana, com uma rigidez ou humilde desculpa que sublinha a estranheza da indumentária, até ser tudo aquilo que ressalta. Os corpos como o Lee complementam a simplicidade do uniforme: os seus olhos verdes muito separados e uma linha do queixo bem escanhoadas. As calças brancas e a camisa vaporosa, mesmo os seus pés descalços de uma brancura leitosa, tudo parece uma extensão da sua beleza juvenil.

— Parece que te querem — diz o Lee.

Abano ligeiramente a cabeça. O Lee é um corpo já há dois anos, um recorde que se aproxima do meu por sucessivos acréscimos. A cordialidade que desenvolvemos deve-se sobretudo à sua paciência. A primeira vez que correspondi instintivamente ao sorriso do Lee, a primeira vez

que fiquei agradecida por ver um rosto familiar na sala de espera, quase senti que ele me enganara.

— A Sra. Renard precisa de falar contigo — clarifica. — Quando tiveres tempo.

— Sabes do que é que se trata?

— Sou apenas o mensageiro. — Mas o Lee está distraído. Os seus olhos percorrem o meu rosto. — Hoje, tens algo de diferente — diz. — Cortaste o cabelo?

Levo uma mão ao cabelo. Louro e áspero. Apanhado num simples carrapito na nuca. Sou eu que o corto, aparando-o abruptamente até aos ombros, uma vez por ano. Está quase no seu ponto de maior crescimento neste preciso momento.

A minha mente resvala para o cabelo de Sylvia nas fotografias. O preto azulado da asa de um corvo, a iridescência do óleo no asfalto. Imagino a sua textura. Macio e suave. Seda apertada nas pontas dos meus dedos.

— Se calhar, pareço cansada. — Baixei rapidamente a mão. — Tenho tido dificuldade em adormecer.

— Não, não, estás com bom aspeto — diz o Lee. — Estou a imaginar coisas. Desculpa.

— Foi apenas um efeito da luz — sugiro.

O Lee sorri:

— Seja o que for, não é uma mudança má.

A sua voz desafina um pouco sob a superfície. Devolvo-lhe o sorriso.

— É melhor ir ver o que ela quer — digo.

Atravessando o corredor baixo que liga os gabinetes, sacudo a pena que sinto por não conseguir corresponder à simpatia do Lee. Ele torna sempre as coisas tão fáceis. Um pequeno pormenor oferecido acerca da sua vida, seguido por um intervalo de silêncio em branco. Fico agradecida, nesses momentos, pela desculpa que a Sociedade Elisiana oferece. Transforma a minha reticência numa virtude.

A porta do gabinete da Sra. Renard está entreaberta, com um feixe de luz a escapar pela fresta das tábuas de carvalho. Bato.

— Entre — responde a Sra. Renard.

Está sentada à secretária, de cotovelos afastados e mãos cruzadas. À beira da secretária, dispôs vários pacotes de lenços de papel. Os lenços erguem-se como fumo estático. A sala inteira está rodeada de livros, alguns tão velhos que as lombadas estão ilegíveis e descamadas como

cobras. Estes livros, e um candeeiro com rebrilhantes contas, estão ali colocados em consideração para com a nossa clientela mais supersticiosa. Uma cruz platinada numa das paredes conforta os clientes que vão ali diretamente dos serviços da igreja, ou das cabines do confessional. Se não fosse isso, o gabinete poderia ser de uma terapeuta onerosa.

— Eurydice — diz a Sra. Renard. — Obrigada por ter vindo.

Fico a pairar junto à porta, consciente de uma terceira presença na sala. A princípio, penso tratar-se de uma cliente, mas ela enverga um vestido branco idêntico ao meu.

— Esta é a Pandora — esclarece a Sra. Renard, seguindo o meu olhar. — Acaba de se juntar a nós. Estava a dizer à Pandora que tem um cliente interessado em trabalhar com ela. Vai gostar do Sr. Womack — prossegue, falando agora para Pandora. — Perdeu a esposa há cinco anos. Antes disso, tinham estado casados vários anos. Ela tinha só trinta e poucos anos. Uma perda terrível. Tão inesperada.

— Suicídio? — pergunta Pandora.

— Uma trombose — diz a Sra. Renard. — Não trabalhamos com suicídios na Sociedade Elisiana.

— Precisava de falar comigo, Sra. Renard? — pergunto.

— Claro — diz ela. — Pandora, receio que precisemos de alguma privacidade.

Quando Pandora passa por mim, raspa o seu olhar pelo meu e sorri. Eu correspondo ao sorriso um segundo tarde demais, um reflexo que me espanta.

Quando ficamos a sós, a Sra. Renard suspira.

— Bem. Eurydice. Desde há algum tempo que não nos sentamos a ter uma boa conversa, não é? — A sua voz anima-se com a surpresa. — Está com muito bom ar.

— Também a senhora.

Não posso deixar de reparar que mudou. O seu cabelo pintado de castanho-avermelhado mostra o branco nas raízes, como pó acumulado numa toalha clara, e as rugas que lhe escapam dos cantos dos olhos estão mais cavadas. Lembra-me uma pessoa a recuperar de uma longa doença.

— Vou direito ao assunto, Eurydice — diz. Ergo o queixo num sinal de atenção. — Atingiu um marco importante. Quero que saiba isso. — Um sorriso indulgente.

A janela por detrás da secretária da Sra. Renard é uma das poucas no edifício que não foi coberta por pesadas camadas de reposteiros. Aqui, a luz do sol parece sempre mais rarefeita do que o céu lá fora. A luz que passa pelos vidros despídos é crua e brilhante, preenchida de partículas de poeira.

A Sra. Renard recosta-se.

— Passaram-se cinco anos, Eurydice. Faz hoje cinco anos que ficou de pé à minha frente e me disse que queria tornar-se um corpo.

Quando o disse, recordei-me. A consciência deste aniversário tem circulado incansavelmente pela minha mente desde há meses. Até agora, tinha-a mantido ao largo.

— Ainda me lembro desse dia muito claramente — prossegue a Sra. Renard. — Você era uma mulher muito diferente nessa altura. Na verdade, era uma miúda.

Cruzo as mãos à minha frente. Um ligeiro tremor percorre-me os músculos e aperto os dedos com energia, depois com mais energia ainda, como se pudesse remover essa reação à força.

— Só esta última semana, entrevistei meia dúzia de raparigas que correspondem ao mesmo modelo — diz a Sra. Renard. — Novas na cidade. Ansiosas por um novo começo. O que é notável a seu respeito é não ter tido meramente um novo começo dentro destas paredes. Descobriu toda uma vida.

O meu eu, do passado, está escondido ao canto da sala, a observar-me e a medir-me. Avaliando quais foram as partes de mim que cresceram. E as que ficaram na mesma.

Se a Sra. Renard repara no meu desconforto, ignora-o.

— Quantos dos seus colegas poderão dizer o mesmo? — pergunta. — Você vê o verdadeiro potencial de se ser um corpo. Compreende algo que os outros nunca compreenderão: que é um talento. Uma arte.

Os meus músculos descontraem-se. A minha memória dissolve-se e fragmenta-se. Desta vez, quando sorrio, é mesmo a sério.

— Obrigada, Sra. Renard.

— Claro que gostaria de vê-la a passar mais tempo com os outros — diz a Sra. Renard. — Os outros corpos poderiam aprender uma ou duas coisas consigo.

Minhocas de culpa percorrem-me, deixando um rasto escuro. O rosto de Patrick atravessa-me a mente como um relâmpago, depois o de Sylvia; o batom, o seu joelho contra o meu.

— Sinto-me honrada pela sua confiança em mim — digo.

Ela levanta-se, dirigindo-se para onde eu estou, junto à porta. Estou tão acostumada a ver a Sra. Renard atrás da sua secretária que fico surpreendida ao ver como é pequena, uma cabeça mais baixa do que eu. Tem os dedos rebrilhantes das pilhas de anéis; enverga um sofisticado cafetã, sobrepujando camadas de tecido. Reparo numa nódoa negra meio escondida pelo seu colar, uma escuridão sarapintada contra a sua pele escurecida pelo sol. Neste momento, está a puxar-me para um abraço.

Tento não ficar tensa, esmagada pela sua solidez, pelo seu odor carnudo e doce. Ninguém me toca há muito tempo. A sua pressão é forte e confiante e, quando me larga e recua, fico desequilibrada por um momento. Como se fosse flutuar.

— Tenho orgulho em si, Eurydice — diz a Sra. Renard. Dedilha o seu colar. A ponta da nódoa negra desaparece. — Por favor, saiba que pode sempre vir ter comigo. Para o que quer que seja.

As paredes são demasiado escuras depois da estonteante luz do sol no gabinete. Pisco os olhos com força para clarear a minha visão, andando rapidamente em direção à Sala 12, de braços cruzados sobre o peito.

Sou uma exceção na Sociedade Elisiana. A maioria dos corpos nem um ano sobrevive. A maioria parte após um mês. Alguns desaparecem passada uma semana ou um único dia. Sempre sem aviso. Nas minhas primeiras semanas, mal falava com os outros. Passava despercebida, aprendendo os funcionamentos internos do lugar como alguém lançado à água e obrigado a aprender a nadar.

Após um mês, tinha a agenda cheia de clientes. Tornei-me adepta de os pôr à vontade, colocando as perguntas certas. Nessa altura, o meu sucesso não se devia a uma robusta ética de trabalho, nem a um talento recentemente revelado. Fui simplesmente apanhada pelo alívio que encontrava no trabalho. A capacidade de escapar de mim mesma.

Um outro corpo encurralou-me na sala de espera uma manhã, exigindo uma explicação. Era de meia-idade, com as faces pontilhadas de cicatrizes de acne. Eu reparara nela. Era espalhafatosa, sempre a falar. O seu hálito continha por vezes uma acre mistura de cigarros e pastilha elástica de hortelã, ambos proibidos.

— Qual é o teu segredo? — Foi assim que ela disse e a batida do meu coração retesou-se como um arame até que percebi que ela não podia de forma alguma saber qual era. Ela insistiu: — Tens o aspeto perfeito.

Um daqueles rostos que poderia pertencer a qualquer um. As pessoas estão sempre a confundir-te com alguém que conhecem, não é?

— Nem por isso — menti.

Uma semana mais tarde, a mulher fora-se embora. Achei isso, na altura, vagamente fatídico. Mas comecei a perceber a frequência com que novos trabalhadores surgiam e como desapareciam ao acaso. Depois de um ano na Sociedade Elisiana, um mero terço dos meus colegas originais permanecia.

A ideia da Sra. Renard sobre eu passar tempo com os outros corpos atormenta-me. Ela não percebeu, ou talvez tenha ignorado, uma parte essencial de quem eu sou aqui. O meu sucesso depende de manter a distância, de passar sossegadamente o meu tempo, de não ter distrações. Observo os outros. A forma como falam, mexericam e namoriscam, trazendo as suas discretas personalidades completamente à superfície e como isso torna tudo muito mais difícil quando engolem o lótus e deixam entrar um estranho dentro da sua pele.

É mais simples a forma que eu uso. Quando estou dentro das paredes da Sociedade Elisiana, ignoro-me a mim própria. Perco-me na repetição, na monotonia. Durante anos, as regras ancoraram-me, dando-me algo sólido a que me agarrar quando aquilo que faço se escancara escuro e sem fundo aos meus pés.

E agora escorreguei, apenas uma ínfima fração de mim, para dentro dessa escuridão.

TRÊS

Quando passei o marco dos meus quatro anos, a Sra. Renard fez uma pequena concessão. Passei anos a arrastar-me de um lado para o outro como o resto dos corpos, por vezes na Sala 3, outras na Sala 15. Depois de ter trabalhado durante quatro anos, todos os meus encontros são direcionados para a Sala 12. A Sra. Renard nunca o mencionou diretamente e eu nunca lhe agradeci, mas tenho uma sensação de pertença sempre que agora entro na Sala 12. Um espaço pequeno e arrumado que é todo meu.

Hoje, porém, há algo diferente. Não consigo sacudir a sensação de um criminoso a regressar à cena do crime. Tudo parece igual, mas uma fina e escura madeixa de recordações agarra-se a cada superfície, alterando o ar.

Atrai o meu olhar após um segundo: o batom de Sylvia. O batom em forma de bala ergue-se no fim da mesa. Esqueci-me de devolvê-lo a Patrick depois do nosso encontro.

Peguei no batom, embalando o delicado peso na palma da minha mão. Exige-se aos corpos que usem os pertences dos entes queridos durante os encontros. Pulôveres coçados do uso frequente, colares ensombrecidos pela pátina. A ideia, explica a Sra. Renard, é que os mortos são atraídos e confortados pelos itens que acarinhavam durante a vida. Como cães que perseguissem odores familiares para regressar a casa.

Intimamente, recordo sempre uma história que li quando era criança. Uma mulher gananciosa que rouba um osso do cemitério e o leva para a sua cozinha e é assombrada pelos gemidos de um fantasma. *Dá-me o meu osso*. Mesmo quando era pequena, achava a história tão triste como assustadora. Esta ideia de os mortos continuarem presos ao mundo material dos vivos.

Fechei os dedos em torno do batom.

Durante um perverso segundo, Sylvia está na sala comigo. Um espectro afogado, com a pele branca a pelar como casca de fruta, as pálpebras em filigrana comidas pelos peixes.

E depois a impressão desvanece-se e eu torno-me na mulher afogada. A minha pele ensopada a pingar, em farrapos à minha volta.

Quando batem à porta, deixo cair o batom como se me queimasse. Rola para debaixo da mesa de apoio, sugado pelas sombras.

— Senhora Mendoza — digo, abrindo a porta. Fico aliviada por a minha voz soar forte e calma. — Faça o favor de se sentar.

Esta cliente trabalha comigo há três anos. Hoje, traz um colar de pérolas ao pescoço e o cabelo grisalho impecavelmente entrançado. A maioria dos clientes veste-se especialmente para os encontros. Não querem que os seus entes queridos os vejam desmazelados ou descuidados.

Aceitando o frasco de perfume que a Sra. Mendoza me passa, espalho a fragrância pelos pulsos, de forma rápida e profissional. A essência de rosas enche a divisão.

A Sra. Mendoza inala.

— Oh, esperei tanto por esta visita.

— Já há algum tempo que não a vemos — digo.

A Sra. Mendoza é o tipo de cliente que gosta de conviver antes dos encontros e eu permito-me desfrutar do seu franco calor.

— Ultimamente tenho tido algumas dificuldades em vir aqui para ver a Veronica — diz a Sra. Mendoza. — Questões pessoais. Com certeza que ela compreende.

— Tenho a certeza que sim.

A Sra. Mendoza fica então em silêncio, de mãos a descansar no colo, olhando-me com expectativa. Seguro a cápsula na palma da minha mão e detenho-me, subitamente confusa. O coração incha-me com um pânico deslocado.

— Dá-me um momento, por favor? — peço.

— Claro, querida — diz a Sra. Mendoza, mas não antes de a ver a vacilar de impaciência.

Fecho os olhos, respiro profundamente. Forço o meu teimoso cérebro à vacuidade. Leva um segundo, mas depois surge: o ritmo cardíaco abrandado, a massa do corpo em meu redor. O medo sobe em espiral para fora da minha mente, os últimos resíduos de água rodando e escoando-se pelo cano.

Abro os olhos e estico a mão para o copo, engulo o lótus. Não leva praticamente nenhum tempo até que eu desapareça.

Abro os olhos. Fragmentos esparsos de som e de luz movem-se na minha cabeça. Uma mulher fala-me baixinho ao ouvido. À minha volta, brilham painéis de uma luz fria e sou empurrada pelo corredor.

A Sra. Mendoza atarefa-se com a sua mala. Os seus olhos têm o aspeto vulnerável e avermelhado de lágrimas recentes.

— Foi adorável — diz. — Foi tão bom religarmo-nos.

A irmã gémea da Sra. Mendoza morreu há três anos. Foi uma morte lenta. Leucemia. A princípio, a esperança era interrompida por más notícias, como uma punção lombar sugerindo que o cancro tinha metastizado. Próximo do fim, segundo a Sra. Mendoza, era ao contrário: o progresso da morte interrompido por bolsas de esperança. Os tratamentos experimentais tornaram-se cruéis na sua suspensão do inevitável. Técnicas de torturador. Mesmo assim, a Sra. Mendoza mal deixara passar uma semana antes de vir à Sociedade Elisiana.

Isto não é invulgar. Vi pessoas perderem tão pouco tempo que chegam à Sala 12 com as pálpebras ainda inchadas do funeral. Para alguns clientes, trabalhar comigo é como voltar a uma conversa após uma breve interrupção, mal notando que alguma coisa mudou. Uma frase começada na boca de uma mulher e terminada na minha.

Mas conheci também pessoas que esperaram décadas, deixando que todos pensem que seguiram em frente. Completando os deveres dos estádios do luto, construindo novas vidas no espaço deixado para trás. E depois despertando com a simples e indesmentível ânsia de falarem com as esposas, os melhores amigos, as filhas. Quando isto acontece, a Sociedade Elisiana está à sua espera. Oferecendo corpos com um perfeito lapso de tempo, concedendo finalmente à rapariga que morreu aos 18 anos a misericórdia de rugas e cabelo grisalho, ou então corpos tão jovens e intocados como as memórias queridas.

Estudo agora a Sra. Mendoza. Os movimentos azafamados, enquanto pressiona a pele por debaixo do nariz, a forma como dobra o lenço num quadrado saliente. Não sinto nada em relação a ela. Nem curiosidade, nem familiaridade. É apenas uma mulher. Um cliente que paga.

Antes de deixar a Sociedade Elisiana, verifico o horário que a Jane me preparou. A lista de nomes familiares (*Park, Brown, Loudermilk*). Cá está: *Braddock, Patrick*. Encontra-se comigo na próxima terça-feira.

É cedo para um segundo encontro. A maioria dos clientes precisa de algumas semanas antes de a dor rasgada da saudade atacar de novo. Pressiono o meu dedo contra o seu nome. Cá no fundo, um alvoroço. Leve e ligeiro.

Saio ao crepúsculo. O ar contém uma aragem que reduz o céu da tarde à claridade. Quase tropeço em alguém que está sentado ao fundo dos degraus. Ela volta-se e olha para mim, espantada, como se fosse eu a estar deslocada.

— Pandora — digo, lembrando-me do seu nome com esforço. — O que estás aqui a fazer?

Tem as faces geladas do frio e uma postura fortemente encolhida. Os joelhos mexem-se-lhe para cima e para baixo.

— Olá — diz. — Tu outra vez.

— A paragem do autocarro é a alguns quarteirões daqui — digo-lhe.

Ela veste um fino blusão de falso couro sobre o seu vestido branco, com um par de botas fofas, que lhe tornam as pernas franzinas.

— Estava com esperança que alguém me desse uma boleia — diz.

— Receio ser a última a sair.

A Pandora limita-se a anuir com cabeça, apertando os braços com mais força em volta do corpo.

— Queres que te deixe nalgum sítio? — pergunto, relutante, e ela põe-se de pé antes de eu acabar de falar.

Tomo a rua principal.

— Para onde é que vamos? — O meu carro tem bom ar, mas está gasto, é um modelo já antigo. O sopro do aquecedor faz-me calor nas mãos e nos joelhos, mas deixa-me o resto do corpo demasiado frio.

— Sycamore — diz ela. — Digo-te quando estivermos mais perto.

— Sycamore? — Os meus dedos contraem-se automaticamente sobre o volante; mantenho o olhar fixo nos suaves discos dos faróis do trânsito em sentido contrário. — Não é no 801 da Sycamore?

Ela roda a parte superior do seu corpo para olhar melhor para mim.

— Eu também já lá vivi — explico. — Há anos.

Quase consigo ouvi-la a tentar decidir se deverá ou não levar a conversa mais longe, o crepitar nítido da sua curiosidade.

— A Renard também te ajudou? — pergunta por fim.

— Sim. — Passamos a estrutura de um restaurante que ardeu o mês passado, imponentes picos negros e cristas salientes. De noite, a silhueta recorda-me os altos das árvores numa floresta. — Há anos.

— Há quantos anos?

— Alguns — digo, brusca. — Era nova na cidade.

— Bem, eu também sou nova aqui — diz a Pandora, como se tivéssemos tropeçado numa espantosa coincidência. — De onde és?

O peito aperta-se-me.

— Nunca deves ter ouvido falar — digo.

Ela não se apercebe da súbita frieza da minha voz.

— Oh, tipo aldeiazinha, não? — pergunta. — Porque...

— Na verdade, preferia não falar disso — interrompo. — Já foi há muito tempo.

— Está bem, desculpa — diz. — Eu só ia dizer que também vim de uma aldeiazinha.

Não voltamos a falar durante alguns minutos. Preparo-me para ver Sycamore de novo. Mesmo a condução aqui, seguindo o caminho do meu velho autocarro, reserva-me uma estranha sensação de *déjà vu*. Passado um momento, a Pandora inclina-se e liga o rádio. A voz do locutor entra no carro, roufenha da estática, palavras perdidas quebradas a meio.

... a suspeita de violência deixou os residentes locais preocupados com a sua segurança. As autoridades estão ainda a tentar identificar a vítima. Designada por Hopeful Doe, calcula-se que a jovem tivesse entre os 17 e os 20 anos, e...

Inclino-me para desligar de novo o rádio, deixando um silêncio reverberante.

— *Hopeful Doe* — repete a Pandora. — A sério? Onde é que foram inventar uma coisa dessas?

— É como uma *Jane Doe*¹ — digo. — Acho que é uma forma de a humanizar.

¹ O nome Jane Doe é utilizado, nos EUA, como forma de apelidar «fulana» — quando não se quer, ou não se pode, referir a identidade de alguém. «Hopeful» (esperançosa) Doe seria uma variante. [N. do T.]

Ela bufa.

— Deve haver uma forma menos pirosa de o fazer.

Estamos a aproximar-nos. Reconheço a igreja no cruzamento, a loja de bebidas entaipada do outro lado da rua, decorada com grafites num padrão floral ornamentado.

— Já que estamos a falar disso — diz a Pandora —, tens algum diminutivo? Parece que aqui todos têm diminutivos. Eu uso Dora.

— A maioria das pessoas chama-me Edie — concedo.

— É giro. Mais giro do que Eurydice. — Fica calada de novo, mas sinto-a a olhar para mim. De cada vez que fala, Dora parece um pouco ansiosa demais, como se estivesse a armazenar palavras e tivesse de se conter. Um claro sintoma de solidão... levou-me muito tempo a ultrapassar.

— É mesmo triste — arrisca a Dora. — Essa rapariga que encontraram. — Detém-se. — Podes explicar-me uma coisa?

O complexo de apartamentos fica mesmo em frente. Uma estrutura de tijolo baixa, orlada de escadarias de metal, que me lembram rolos de arame farpado. Numa das janelas, o azul de um ecrã de televisor ilumina as persianas, transmitindo um código Morse críptico.

— Vou tentar — digo.

— Porque é que não podemos contactar suicidas? — pergunta a Dora. A franqueza da pergunta, a sua falta de tato infantil, espanta-me. — Lá no escritório — prossegue. — Lembras-te? Perguntei se alguém cometera suicídio e a Sra. Renard...

— Lembro-me. — Como se estivesse a movimentar-me através de um sonho recorrente, encosto no parque de estacionamento e desligo o motor. — Não é isso que oferecemos na Sociedade Elisiana — digo. — Nunca foi.

— Mas as pessoas vão lá para obter respostas — diz ela. — Depois de um suicídio, é quando as pessoas precisam mais de respostas, sabes? — As dobras tesas e brilhantes do seu blusão, largas em torno dos seus ombros, recordam-me as asas molhadas e enrugadas de um pássaro saído do ovo.

— Possivelmente — digo. — Mas é um risco. É demasiado perigoso.

A Dora franze o sobrolho como uma criança a tentar compreender uma parábola obscura, ou um sermão aborrecido.

— Pensava que este lugar fosse diferente dos outros — diz. — Mais seguro.

Há uma pressão de desafio na sua voz. Sei que se está a referir a pequenas operações caseiras, que despontam como cogumelos em caves suburbanas, em salas de estar de avozinhas, nas salas das traseiras de lojas falidas. Canalizações amadoras: corpos sem experiência que engolem concoções inofensivas como aspirinas infantis, ou então pílulas tão potentes que deixam os corpos de espuma na boca e olhos esbugalhados. A Sociedade Elisiana expurgou estas tentativas menores da cidade e dos subúrbios circundantes, mas elas continuam a florescer pelo país em certas zonas.

— A Sociedade Elisiana *é* mais segura — digo. — Mas é mais segura por causa das regras. Por causa do que não fazemos. Continua a haver riscos e as consequências são igualmente perigosas.

— Perigosas como?

Com o aquecimento desligado, o carro enche-se de frio, com a rapidez de água a correr por uma fenda. Quase lhe digo. Quase lhe conto o que aconteceu na Sala 7: quase lhe explico por que usamos copos de papel para a água, nunca de vidro. Mas apenas soube desses pormenores através de rumores, de sussurros gradualmente entretecidos até criarem juntos uma fatídica totalidade. As histórias sempre foram mais poderosas vislumbradas nas sombras.

— Ouve, amanhã tenho de levantar-me bem cedo — disse-lhe em alternativa.

Com isto, a Dora dá um salto e põe-se em movimento, abrindo a porta do carro e deslizando para a noite.

— Obrigada pela boleia — diz alto, com a sua voz a entrar no carro antes de a porta se fechar atrás de si.

Assim que a Dora desapareceu, as recordações começaram a apertar-se com maior intensidade e proximidade. Quando comecei na Sociedade Elisiana, vivia num quarto de motel. A Sra. Renard ofereceu-se para me deixar ficar no apartamento mobilado que possuía. Perto da Sociedade Elisiana e perfeito para um lar temporário. Retirava uma modesta parte dos meus ganhos todos os meses. Era mais do que justo por um lugar onde eu não tinha de assinar o meu verdadeiro nome, onde não tinha de preocupar-me com os aspetos mais essenciais. Era um simples esboço de vida, ali sentado à minha espera.

Mas, mesmo apesar de reconhecer a generosidade da Sra. Renard, fui detestando cada vez mais aquele espaço. Tudo aquilo que retinha durante

o meu dia de trabalho, tudo aquilo que desaparecia quando eu engolia o lótus, aglomerava-se nas frestas da minha mente como condensação. Era só quando regressava a Sycamore que me recordava. Passava a maior parte do tempo na cama. Desesperada por me distrair, olhava para a rua pela janela, as luzes dos faróis dos carros a passarem, imaginando-me dentro de cada carro. Cada um me levava para um destino diferente, cheio com as suas próprias possibilidades. Tornava-me uma pessoa naquele *sedan* de luxo insinuadamente felino, uma pessoa inteiramente diferente numa carrinha enferrujada.

Enquanto retomo a estrada, olho novamente para o edifício apenas uma vez. Os meus olhos pousam automaticamente na terceira janela da esquerda, no piso superior. A janela do meu quarto. Agora está escura. Nenhum reflexo de vida.

Em casa, à espera de adormecer, procuro mais pormenores sobre a rapariga morta. Como ninguém reclamou o seu corpo, não existem fotografias da *Hopeful Doe* durante a sua vida. Nenhuma fotografia de escola, nem instantâneos de festas de aniversários, com os rostos dos amigos desfocados. Em vez disso, os *sites* e os canais televisivos usam um melancólico esboço policial. Traduzido em linhas de lápis, é fácil visualizar o rosto de *Hopeful Doe* pendurado num corredor de escola iluminado por luz fluorescente. Tem uma qualidade íntima, como um autorretrato sincero desenhado por um futuro chefe estudantil.

Encontraram a *Hopeful Doe* na periferia de um lote com aspirações a condomínio fechado. Apenas algumas famílias se tinham ali instalado, prosseguindo vidas rodeadas por imponentes casas vazias, em variados estádios de construção. Esqueletos sobranceiros. A casa onde *Hopeful Doe* se encontrava era vestigial, construída há décadas. Desocupada durante anos, deselegantemente antiquada e marcada para demolição.

Na noite antes da demolição, uma adolescente do bairro foi explorar. O cadáver que se tornaria *Hopeful Doe* estava num armário no quarto das traseiras da casa condenada. Envergava um vestido de verão azul. Um único brinco de diamantes. De acordo com os relatórios, quando a adolescente viu pela primeira vez as pernas de *Hopeful Doe* dobradas juntas pensou que se tratava de um manequim de loja esquecido. A pessoa que deixou ali o corpo deve ter esperado que seria completamente ignorado, sendo a identidade da rapariga varrida com os detritos e os escombros.

Regressando ao esboço da polícia, inclinei-me para mais perto do ecrã. A rapariga morta parecia familiar. É uma conexão rápida, intuitiva, um reconhecimento que faz sentido por um momento apenas, antes de a sensação se desvanecer de novo. De cada vez que tento localizá-la, a *Hopeful Doe* afasta-se um pouco mais, desintegrando-se sob o meu olhar, até o seu rosto ser de novo completamente estranho.

Já todos perdemos alguém que amamos muito. E se, finalmente, for possível comunicar com o «outro lado»?

Edie trabalha há cinco anos na Sociedade Elisiana, uma empresa que fornece um serviço altamente exclusivo e especializado: os clientes podem comunicar com o espírito dos seus familiares mortos através dos corpos dos empregados. A jovem Edie é a melhor da sua equipa, sendo reconhecida pelo seu profissionalismo e discrição.

Porém, tudo muda quando Patrick contrata este serviço para falar com Sylvia, a sua falecida mulher. Edie passa cada vez mais tempo com ele, e acaba por se apaixonar pela vida do casal. Um fascínio que se torna uma incontornável obsessão ao descobrir as misteriosas circunstâncias em que ocorreu a morte de Sylvia.

As personalidades e histórias de Edie e Sylvia começam a diluir-se. Depois de vários anos sem tempo para si, Edie quer apenas recomeçar tudo e ter uma vida nova. Mesmo que seja a de uma mulher morta.



«Reveja o imaginário de *Vertigo* ou de *Eyes Wide Shut* neste romance psicológico sobre uma empresa secreta que permite aos clientes reencontrarem-se com o espírito dos entes queridos mortos.»

Marie Claire

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-11-1 9 789898 869111 Literatura Traduzida
--	---